



Regresso da realizadora de 'Titane' à disputa de Cannes resgata memórias de Palmas de Ouro que dividiram opiniões

Discórdias titânicas (e históricas) na Croisette

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ha bem us Cannes de novo: nesta terça, "Partir un Jour", da estreante Amélie Bonnin, vai abrir a programação do maior festival de cinema do mundo, nas imediações da Côte d'Azur. O Brasil é um dos títulos em concurso à Palma de Ouro, com "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, que vai encarar uma esquadra de vozes autorais de peso, entre as quais a francesa Julia Ducournau, em competição com "Alpha". Quatro anos depois de ter conquistado o troféu mais disputado do evento, o filme que a consagrou, "Titane", continua nos horizontes de Croisette. Há DVDs, cópias em Blu-ray e camisetas do filme à venda nas lojas do balneário. Lançado no Brasil diretamente no streaming, na plataforma MUBI, esse thriller fala sobre uma assassina com placas de titânio no corpo, que fica grávida de um carro (!) e expele óleo diesel da vagina (!!). Por onde passou, a fita foi vista com estranheza, sem harmonizar as opiniões de seus espectadores. Cannes dividiu-



Titane

-se num Fla x Flu tipo "Amei" x "Odiei" ao fim de sua projeção. San Sebastián viveu a mesma situação. O Festival do Rio, idem. Houve gente saindo das sessões quando, sua protagonista, Alexia (Agathe Rousselle) bate o próprio rosto contra uma pia, a fim de deformar seu nariz. Deformar-se é parte da reinvenção pela qual a personagem há de passar quando se assu-

me, sem culpa, como serial killer, dando um ponto final à existência de homens que passam dos limites na aproximação a ela e dando um adeus a mulheres que não reagem a seus carinhos furiosos como ela espera. E ela mata usando um pau de cabelo como arma. É indigesto (para alguns) torcer por ele. Mais indigesto ainda é lidar com a brutalidade que a cerca.

Não é de hoje que Cannes incomoda muita gente com seu "palmarês", mas cada incômodo seu consegue marcar época. Conheça cinco casos que criaram muita polêmica ao longo dos 77 anos de história do festival, criado em 1939.

O PAGADOR DE PROMESAS, de Anselmo Duarte, em 1962: O Cinema Novo já

tinha posto a cabecinha pra fora, com "Barravento", de Glauber Rocha; "Os Cafajestes", de Ruy Guerra; e o coletivo de "Cinco Vezes Favela". Diante dessa nova turma, com a proposta de uma revolução estética que estendesse a dimensão revolucionária do cinema também para a forma, o projeto de drama social de Dias Gomes, à luz da direção clássica

Divulgação